

O sexo e a sexualidade em portadores do vírus da imunodeficiência humana*

The sex and the sexuality in carriers of the human immunodeficiency virus

Bernardino Geraldo Alves Souto¹, Laurene Sayuri Kiyota², Mariana Pereira Bataline³, Mariana Ferreira Borges³, Nádia Korkischko⁴, Sabrina Boni Braga de Carvalho³, Martinho de Meneses Sousa Filho⁵

*Recebido da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP

•Trabalho financiado pelo Programa Integrado de Apoio ao Recém-Doutor da Universidade Federal de São Carlos, SP, e pelo Programa Unificado de Iniciação Científica - PUIC/UFSCar/CPNPq.

RESUMO

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS: A reduzida compreensão sobre como os portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) percebem e administram sua sexualidade, limita a abordagem das angústias dessas pessoas no contexto da assistência que recebem. O objetivo do presente estudo foi refletir sobre a sexualidade em portadores do HIV, sistematizando a compreensão desse fenômeno com a intenção de contribuir para o cuidado que se presta a tais indivíduos.

CONTEÚDO: Ao decodificar os significados da infecção pelo HIV a partir do conceito de normalidade sexual, descrevem-se representações da sexualidade que interessam aos portadores desse vírus. Tais representações imputam a esses sujeitos um estigma definidor de uma anormalidade perniciososa que os oprime existencialmente a ponto de obrigá-los a mobilizar diversos mecanismos de defesa. As reflexões produzidas dizem respeito a portadores do HIV nas seguintes categorias: com parceria sexual estável, mulheres, heterossexuais, profissionais do sexo e homens que fazem sexo com homens.

CONCLUSÃO: Nesse estado de anormalidade sexual ocorrem dificuldades na relação da pessoa com sua genitalidade, repercutindo em sua convivência sexual e social. Esse fenômeno varia dependendo da orientação e formas de parceria sexual, gênero e percepções relacionadas à sexualidade. O conflito não pode ser dissuadido pelo tratamento antiretroviral, uma vez que esse recurso garante uma saúde física mantenedora do desejo sexual. Na tentativa de realização desse desejo, a pessoa experimenta sobrefrustração. Afinal,

não eliminando o vírus do organismo, o estigma da perniciosidade sexual se mantém, expressando-se e sendo reforçado pela própria tentativa de gratificação do desejo.

Descritores: Existencialismo, Psicologia, Sexo, Sexualidade, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.

SUMMARY

BACKGROUND AND OBJECTIVES: The reduced understanding about as the carriers human immunodeficiency virus (HIV) perceives and manages its sexuality limits the abordage of the anguish of these people in the context of the assistance that receive. The objective of the present study went to reflect about the sexuality in HIV carriers, in order systemize the understanding of this phenomenon with the intention to contribute for the process of care to these people.

CONTENTS: When decoding the meanings of the HIV infection from the concept of sexual normality, are described representations of the sexuality that interest the carriers of this virus. Such representations impute to these people a defining stigma of a pernicious abnormality that oppresses them in his existence to the point to compel them to mobilize diverse mechanisms of defense. The produced reflections say respect to the HIV carries in the following categories: with steady sexual partnership, women, heterosexuals, sex workers and men who make sex with men.

CONCLUSION: In that state of sexual abnormality they happen difficulties in the relation of the person with its genitality resounding in its sexual and social sociability. This phenomenon varies depending on the orientation and forms of sexual partnership, gender and perceptions related to the sexuality. The conflict from there generated cannot be dissuaded by the antiretroviral treatment, a time that this resource guarantees a physical health maintainer of the sexual desire. In the attempt of accomplishment of this desire, the person tries overfrustration. After all, not eliminating the virus of the organism, the stigma of the sexual perniciousity if keeps, expressing themselves and being strengthened for the proper attempt of gratuity of the desire.

Keywords: Acquired Immunodeficiency Syndrome, Existentialism, Psychology, Sex, Sexuality.

INTRODUÇÃO

A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) catalisa a associação entre sexo e morte. Considerando que toda prática sexual percebida como danosa é socialmente definida como anormal, a sexualidade de portadores desse vírus representa, pois, uma anormalidade perniciososa.

1. Professor Adjunto. Departamento de Medicina. UFSCar
2. Graduanda em Medicina da UFSCar; Bolsista do Programa Unificado de Iniciação Científica – PUIC/UFSCar/CPNPq
3. Graduanda em Medicina da UFSCar. Voluntária do PUIC/UFSCar
4. Graduanda em Medicina da UFSCar. Bolsista do Programa Integrado de Apoio ao Recém-Doutor/UFSCar
5. Médico Generalista. Centro de Promoção da Saúde de Conselheiro Lafaiete, MG

Apresentado em 26 de novembro de 2008
Aceito para publicação em 02 de abril de 2009

Endereço para correspondência:
Dr. Bernardino Geraldo Alves Souto
R. Douvidor Cunha, 107. Bairro Jardim Cardinalli
13569-580 São Carlos, SP.
Fones: (16) 3372-6271 - 3351-8979
E-mail: bernardino@viareal.com.br

Esse ambiente de significados dá sentido ao estigma aplicado às pessoas infectadas pelo HIV, fazendo com que vivam sob padecimento existencial. Como a compreensão sobre esse fenômeno ainda é limitada, tem-se muita dificuldade em ajudá-las no alívio de angústias sexuais. Para facilitar o entendimento sobre o assunto com a intenção de poder cuidar um pouco melhor dos portadores do HIV, sistematizou-se o conhecimento disponível na literatura sobre o sexo e a sexualidade desses pacientes.

REFLEXÕES SOBRE A NORMALIDADE SEXUAL

Balizadora de forte influência sobre a conduta das pessoas, a sexualidade se expressa pelas mais variadas formas, o que dificulta a definição do que seja normal em termos de atitudes sexuais. Nesse sentido, procura-se enquadrar na categoria da normalidade aquelas práticas que são comuns à maioria das pessoas e que não resultam em efeito danoso¹⁻⁵.

Esse conceito abstrato permite que se incorpore como normal, a prática sexual tradicionalmente aceita pela moralidade e pela cultura vigente na sociedade, com grande probabilidade de admitir a idéia de que formas de vida sexual praticadas por minorias sejam tidas como anormais ou perniciosas¹⁻³.

Entre exemplos de sexualidade anormal dentro desse conceito, pode-se citar a homossexualidade, o casamento entre pessoas de cor da pele, raça ou extratos socioeconômicos diferentes, ou mesmo entre pessoas em faixas etárias distantes⁴.

Pelo visto, essa percepção do normal, em termos de sexualidade, pode instituir uma regulamentação sobre a conduta das pessoas no sentido de controlar ameaças à estabilidade de alguns valores regentes da sociedade, entre eles o significado da aproximação entre pessoas de culturas ou inserções socioeconômicas diferentes, ou mesmo de gerações diferentes⁵.

Em alguns casos, o que é tido como anormalidade pode tornar-se motivo de piadas e gozações, por meio das quais se expressa um velado preconceito, ou até mesmo alguma suspeita relacionada ao caráter ou às intenções daquele que leva uma sexualidade tida como anormal^{4,6}.

Com significativa frequência, tais pilhérias ou suspeitas tendem a conduzir as pessoas vistas como sexualmente anormais, à clandestinidade sexual, o que de certa forma, garante a afirmação das regras sociais^{4,6}.

O fato é que a sexualidade envolve aspectos sócio culturais, psicológicos e biológicos manipuláveis segundo os interesses individuais e coletivos em jogo, e influencia muitas das manifestações humanas. Está presente nas relações da pessoa consigo mesma e com os outros; ou seja, tornou-se um fenômeno existencial que extrapola em muito o âmbito genital^{1-5,7}.

Com foco à questão psicológica individual da sexualidade, talvez o sentimento de felicidade e a satisfação do sujeito com a própria vida sexual seja o conceito que melhor represente o estado de normalidade. Ou seja, sexualmente normal é o indivíduo que possui um sentimento de bem-estar relacionado à sua sexualidade. Isso significa que a normalidade sexual apoia-se substancialmente no que a sexualidade significa para a própria pessoa^{3,4}.

ASPECTOS GERAIS SOBRE A SEXUALIDADE EM PORTADORES DO HIV

Desde a sua origem, a infecção pelo HIV vem sendo associada a práticas sexuais externas às regras sociais e, portanto, a uma sexualidade anormal e a um padrão de condutas capaz de ameaçar o bem-estar

social. Consequentemente o portador do HIV tornou-se objeto de um preconceito despertado pela representação de um estigma que anuncia a divergência desse sujeito e a sua necessidade de controle^{8,9}.

Uma das defesas adotadas pela pessoa nessa situação é o recurso à clandestinidade comportamental, a qual compromete significativamente sua sexualidade, tornando-a anormal, inclusive no plano individual. Esse acontecimento reduz o rol de possibilidades disponíveis ao portador do HIV para experimentar e compartilhar uma série de sentimentos, símbolos e significados existenciais^{3,7,8,10,11}.

Como a sexualidade é um elemento intrinsecamente determinante das relações sociais, o comprometimento dessa esfera limita, entre outras coisas, a condição da pessoa superar a representação do estigma contida na infecção pelo HIV, bem como sua desejada normalidade social. Aquela normalidade caracterizada pela posse de todos os atributos que lhe permitem uma convivência plena com os outros; entre estes, ser aceito pela sociedade⁷.

Esse tema tornou-se objeto de preocupação porque o tratamento da infecção desvia a morte física do caminho do infectado, abrindo-lhe a possibilidade do retorno a uma vida praticamente normal, pelo menos do ponto de vista orgânico. Ou seja, a anatomia e a fisiologia genitais do portador do HIV permanecem sadias juntamente com suas outras faculdades corporais. Não obstante, a sexualidade se mantém seriamente comprometida por seus significados e representações, uma vez que o estigma, ou seja, o vírus, não é eliminado do organismo. Portanto, ainda não foi oportuno aos infectados retornar à normalidade sexual ansiosamente desejada^{7,8}.

ASPECTOS DA SEXUALIDADE EM PORTADORES DO HIV QUE POSSUEM PARCEIROS FIXOS

A crença e os valores morais relacionados às uniões consensuais e aos casamentos tradicionais, ligados ao amor, cumplicidade, fidelidade e respeito mútuo, trazem um pressuposto de que, uma vez assumidos esses compromissos, os envolvidos estariam protegidos da infecção pelo HIV. Quando isso acontece entre pessoas infectadas, de fato elas se tornam protegidas das representações desse vírus no contexto da vida sexual, desde que restrita a elas próprias. Isso garante oportunidade a que, mesmo portando o HIV, experimentem certo sentimento de normalidade sexual^{8,11}.

Essa percepção pode desvalorizar a importância da comunicação entre parceiros sobre a sexualidade e a saúde sexual, por entender-se que, seguindo tais regras, está garantida a normalidade da vida sexual que levam. Portanto, sem maiores problemas que demandam abordagem^{4,12,13}.

Não obstante, a despeito da insistência de alguns setores da sociedade em vincular a infecção pelo HIV a transgressões socioculturais relacionadas à sexualidade, isso nunca foi realidade. Já é reconhecida, inclusive, a presença dessa infecção em ambientes familiares tradicionais e na vigência de relacionamentos sexuais estáveis, até mesmo naqueles protegidos pela instituição matrimonial formal^{12,13}.

Em algumas pessoas, esse fenômeno desperta uma percepção de culpa e responsabilização no portador do HIV que transmite o vírus a alguém com quem tem um laço afetivo estruturado não só pelo amor, mas, também, pela crença na segurança sexual derivada da própria configuração desse laço. Em consequência, surgem diversas formas de disfunção sexual e um estado de anormalidade sexual como um dos efeitos da frustração dessas crenças e sentimentos^{8,11,14}.

Indo além, esse desajustamento acarreta, entre outras dificuldades,

inseguranças em relação à geração de filhos, estruturação familiar e imortalização por meio de descendentes^{8,15}.

Desse modo, a infecção pelo HIV impõe a uma relação conjugal estável entre sorodiscordantes, preocupações relacionadas à possibilidade de transmissão do vírus ao parceiro não infectado. Um dos recursos disponíveis, com possibilidade de dissuadir essa preocupação, é o uso de preservativos. No entanto, essa opção, para alguns parceiros estáveis, suscita representações relacionadas à fidelidade e a fantasias sexuais, as quais influenciam o desempenho, o prazer e os papéis de cada um no ato sexual. Tal influência pode atingir, inclusive, o plano do significado social de cada parceiro, representado pela atitude de agressividade ou passividade sexuais, por meio da qual comumente se traduzem as relações de poder estabelecidas na sociedade. Algo que se destaca por meio dessas relações de poder é a submissão do feminino ao masculino, manifestada por várias formas de interação entre os gêneros. Entre estas, a assimetria de possibilidades de negociação sexual favorável ao masculino^{8,12,16}.

Portanto, uma conversa franca entre parceiros sobre a vida sexual, que já é difícil por seus significados e representações, ganha mais um obstáculo: o uso do preservativo e suas implicações. Nota-se, pois, que, mesmo entre parceiros fixos, a infecção pelo HIV pode gerar um estado de anormalidade sexual^{8,11,12,15-18}.

A SEXUALIDADE EM MULHERES PORTADORAS DO HIV

É comum o encontro de mulheres, que, devido ao diagnóstico da infecção pelo HIV, tenham restringido ou abolido suas práticas sexuais, mesmo que não tenham perdido o desejo sexual. Vários sentimentos colaboram para isso. Entre estes, pode-se citar o medo das consequências da potencial revelação do diagnóstico por meio de um encontro sexual, o medo de transmissão do vírus e o sentimento de limitação imposto pela necessidade de uso de preservativos^{8,11,19-21}.

Sobre esse último aspecto, a negociação do uso de preservativos por iniciativa da mulher, implica, para ela, ter de assumir diversos riscos que vão desde incompreensões do parceiro quanto ao seu sentimento de afetividade, até à desconfiança dele quanto à fidelidade conjugal e suas potenciais consequências. Tais ameaças deixam a mulher em posição muito vulnerável no contexto da sua saúde sexual^{12,22-25}.

Nesse sentido, Pereira²⁰; Paiva e col.¹⁸ argumentam que grande parte das portadoras do HIV comenta que sua vida sexual piorou após o diagnóstico da infecção por esse vírus. No mínimo ficou diferente, ou seja, fugiu à normalidade.

A SEXUALIDADE EM HOMENS HETEROSSEXUAIS PORTADORES DO HIV

Tendo em vista a forma ativa como a maioria dos homens busca praticar sexo, predominantemente impregnada pela genitalidade, há que se admitir que a expressão da sexualidade masculina possa influenciar diretamente na epidemiologia da infecção pelo HIV, a ponto de explicar o crescimento do número de casos por transmissão heterossexual²⁶.

Para muitos homens, essa forma ativa de prática sexual genitalizada serve-lhes para afirmação social da masculinidade, a qual tem representações que vão além do nível genital; representações, inclusive, do modo como o macho, enquanto significado, se estabelece na sociedade^{1,3-5,7,27,28}.

No plano sexual, tal estabelecimento pode incluir o sentimento de um prazeroso poder representado pela multiplicidade de parceiras

sexuais, a recusa em usar preservativo e a prática de sexo com profissionais do ramo. Essa busca pelo prazer, entretanto, expõe o sujeito a um maior risco de contrair o HIV^{16,26}.

Apesar disso, quando contraem o HIV, muitos homens tomam atitudes semelhantes àquelas tomadas por mulheres. Uma delas é a abstinência sexual que, entretanto, pode ser consequência de uma impotência sexual produzida por suas percepções em relação à condição de portador desse vírus^{8,29}.

Em outros aspectos, as reações dos homens também não são diferentes daquelas tomadas pelas mulheres quando se descobrem portadores do HIV. Entre tais aspectos, destacam-se aqueles que envolvem o medo do que pode representar a revelação do diagnóstico ou a transmissão do HIV a uma parceira, especialmente se a parceria tem significativa sustentação afetiva ou significado socioexistencial, bem como o senso de responsabilidade por si e pelo outro^{11,29}.

A SEXUALIDADE EM PROFISSIONAIS DO SEXO PORTADORES DO HIV

É comum que profissionais do sexo portadores do HIV negligenciem o que representa seu trabalho em termos de transmissão desse vírus. Um dos motivos apontados pela literatura é de que a marginalidade social em que vivem, imposta pela percepção de anormalidade da sua sexualidade e pelo estigma representado por sua ocupação, desvaloriza o significado percebido na infecção que portam^{8,30}.

Para qualquer pessoa inserida no sistema produtivo, a importância e a necessidade do ganho econômico para sua afirmação e sobrevivência na sociedade, faz com que aquilo que é auferido por meio do trabalho seja mais significativo do que o risco de acidente ocupacional. Não é diferente para o profissional do sexo que precisa dessa sustentação material, ao mesmo tempo em que a infecção pelo HIV pode representá-lo apenas um acidente não necessariamente incapacitante. Portanto, seu desempenho profissional em oferecer um serviço que seja do interesse e do agrado do maior número de clientes possível torna-se mais importante do que o risco de contrair ou transmitir o vírus.

Nesse caso, o que preocupa é a síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA) como uma consequência que pode torná-lo inapto ao trabalho. A compreensão de que esta pode ser controlada por meio do tratamento antiretroviral, pode até ser um estímulo para a observância terapêutica, mas, não necessariamente para intervenções sobre a própria sexualidade^{8,30-33}.

A SEXUALIDADE EM HOMENS PORTADORES DO HIV QUE FAZEM SEXO COM HOMENS

Existem poucos relatos a esse respeito na literatura. Não obstante, Souto⁸ encontrou que homens portadores do HIV que fazem sexo com homens não expressam conflitos importantes relacionados à vida sexual. Nesse caso, o uso do preservativo, ao evitar a transmissão do HIV, é suficiente para desvalorizar os significados e representações da condição de portador desse vírus relacionados à sexualidade. Nota-se que esse aspecto é aquele que vem sendo sustentado pelos ensinamentos médicos e discursos sociais sobre segurança sexual para instruir pessoas que vivem com o HIV, bem assimilado por homens que fazem sexo com homens (idem).

Essa idéia é corroborada por Torres³² ao afirmar que a sexualidade de homossexuais masculinos portadores do HIV não lhes afeta a qualidade de vida.

CONCLUSÃO

A sexualidade é um fenômeno que envolve aspectos de grande significado existencial. Seu padrão de normalidade ou anormalidade sofre muita influência dos valores socioculturais e, para cada pessoa, depende de como é percebida.

A imagem do mal, associada à infecção pelo HIV, faz com que a sexualidade do portador desse vírus seja percebida como anormal. Essa percepção causa profunda angústia para o sujeito. Entretanto, essa angústia tem tons diferentes para cada pessoa, a depender do significado existencial da sexualidade e da própria infecção para cada uma. O problema é que, ao sustentar a saúde orgânica do portador do HIV, o tratamento antiretroviral estimula o desejo por uma sexualidade normal. Como a genitalidade desse sujeito tornou-se definitivamente maculada pelo estigma, é provável que tal desejo nunca seja gratificado, pois, ao tentar realizá-lo, a pessoa poderá transmitir o HIV. Em alguns casos, essa transmissão resultará em sobrefrustração reforçando a percepção que o sujeito tem da sua sexualidade como um fenômeno destrutivo, portanto, anormal.

A ambigüidade dessa percepção da sexualidade como um frustrante e pernicioso objeto de desejo e prazer sustenta um sofrimento existencial de difícil superação.

REFERÊNCIAS

1. Gregersen E - Práticas Sexuais: A História da Sexualidade Humana, Serra AAT (Trad), São Paulo: Roca, 1983.
2. Lief HI - Sexualidade Humana, Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.
3. Morales V. El ejercicio de la sexualidad y el pacer de las personas viviendo con VIH/SIDA. Disponível em: <http://www.aids-sida.org/sexualityandpleasure.html>.
4. Vitiello N. O que é normal em sexualidade. Rev Bras Sexualidade Humana, 1996;7:153-156.
5. Vitiello N. Um breve histórico do estudo da sexualidade humana. Rev Bras de Medicina, 1998;55. Disponível em: http://www.drCarlos.me.br/sex_historia.html e http://www.cibersaude.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=1451.
6. Goffman E. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, 4ª Ed, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
7. Jesus MCP, Machado VN, Machado DN. Comportamento sexual: estudo fenomenológico com pessoas portadoras do HIV. Rev Bras Sexualidade Humana, 1999;10:217-236.
8. Souto BGA. O HIV, seu portador e o tratamento anti-retroviral: implicações existenciais. São Carlos: EdUFSCar, 2008;181.
9. Scanavino MT. Comportamento sexual de sujeitos com AIDS referida: um estudo baseado numa amostra da população brasileira. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, 2007;174.
10. Louro GL - Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista, 2ª Ed, Petropolis: Vozes, 1997.
11. Silva RS, Albuquerque VS. Sexualidade no cotidiano de portadores do vírus HIV. J Bras Aids, 2007;8:49-96.
12. Finkler L, Oliveira MZ, Gomes WB. HIV/AIDS e práticas preventivas em uniões heterossexuais estáveis. Aletheia, 2004;20:9-25.
13. Maia C, Guilhem D, Freitas D. Vulnerability to HIV/AIDS in married heterosexual people or people in a common-law marriage. Rev Saude Publica, 2008;42:242-248.
14. de Freitas MR, Gir E, Furegato AR. Sexuality of individuals with the human immunodeficiency virus (HIV): study based on the crisis theory. Rev Lat Am Enfermagem, 2002;10:70-76.
15. Dalapria TR, Ximenes NFRG. Práticas sexuais e escolhas reprodutivas de casais soro diferentes para o HIV. DST J Bras Doencas Sex Transm, 2004;16:19-26.
16. Reis RK, Gir E. Difficulties faced by HIV mixed status couples in maintaining safe sex. Rev Lat Am Enfermagem, 2005;13:32-37.
17. Nilson Schönnesson L. Psychological and existential issues and quality of life in people living with HIV infection. AIDS Care, 2002;14:399-404.
18. Paiva V, Latorre Mdo R, Gravato N, et al. Sexuality of women living with HIV/AIDS in São Paulo. Cad Saude Publica, 2002;18:1609-1620.
19. de Freitas MR, Gir E, Rodrigues AR. Sexual problems experienced by women in HIV-1 crisis. Rev Lat Am Enfermagem, 2000;8:76-83.
20. Pereira ML. A (re)invenção da sexualidade feminina após a infecção pelo HIV. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, 2001;129.
21. Santos NJ, Buchalla CM, Fillipe EV, et al. Reproduction and sexuality in HIV-positive women, Brazil. Rev Saude Publica, 2002;36:(Suppl4):12-23.
22. Heise LL, Elias C. Transforming AIDS prevention to meet women's needs: a focus on developing countries. Soc Sci Med, 1995;40:931-943.
23. Weeks MR, Schensul JJ, Williams SS, et al. AIDS prevention for African-American and Latina women: building culturally and gender-appropriate intervention. AIDS Educ Prev, 1995;7:251-264.
24. Bauni EK, Jarabi BO. Family planning and sexual behavior in the era of HIV/AIDS: the case of Nakuru District, Kenya. Stud Fam Plann, 2000;31:69-80.
25. Guerriero I, Ayres JR, Hearst N. Masculinity and vulnerability to HIV among heterosexual men in São Paulo, Brazil. Rev Saude Publica, 2002;36:(Suppl4):50-60.
26. Christianson M, Lalos A, Westman G, et al. "Eyes Wide Shut" -- Sexuality and risk in HIV-positive youth in Sweden: a qualitative study. Scand J Public Health, 2007;35:55-61.
27. Doehlie E, Maswabi MM. Men, sex and AIDS: a pilot study. SAFAIDS News, 1999;7:2-8.
28. Merleau-Ponty M - Fenomenologia da Percepção, 2ª Ed, São Paulo: Martins Fontes; 1999;662.
29. Bogart LM, Collins RL, Kanouse DE, et al. Patterns and correlates of deliberate abstinence among men and women with HIV/AIDS. Am J Public Health, 2006;96:1078-1084.
30. Prospero ENS, Avi GDS, Wolf A. Comportamento de profissionais do sexo frente a contaminação do HIV/AIDS. Acta Paul Enf, 2000;13:N Esp (Pt 2).
31. Esposito, APG, Kahhale, EMP. Profissionais do sexo: sentidos produzidos no cotidiano de trabalho e aspectos relacionados ao HIV. Psicol Reflex Crit, 2006;19.
32. Torres RRA. Qualidade de Vida e a Sexualidade do Homossexual Masculino Portador do Vírus HIV/AIDS. Curso de Especialização em Sexualidade Humana. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 2004. Disponível em: <http://www.giv.org.br/saudemental/textos/RobertaResumoEspecialização%E7%E3o.doc>.